

venção de sectário, dirá talvez, ao fixar os olhos na comunicação de *Vítor*: vêde como é o diabo que intervém nas comunicações, atacando rudemente a classe sacerdotal para destruir o Cristianismo! O lobo toma a pele do manso cordeiro, para seduzir os incautos. É o diabo! É o diabo!

Nem todos os nossos leitores julgarão de um modo tão *diabólico* — e, a este número, pertencerão todos os que examinarem a questão com um critério reto e desprevenido.

Porque: ou no catolicismo romano as fórmulas são o essencial, e neste caso chegariam á conclusão de ser elle uma religião absurda — ou as palavras de *Vítor* são a fiel expressão de uma verdade dentro do catolicismo.

*Vítor* faz consistir a missão do sacerdote em ensinar a verdade e a virtude, pela palavra e pelo exemplo — e despoja do carácter sacerdotal a todo o que, embora vestindo o hábito, não guarda a harmonia entre suas palavras e seus atos com a sublimidade de sua missão. É atacar a classe sacerdotal? Quem assim julga, longe de pôr em evidência a mediação do espírito maligno, na comunicação de *Vítor*, condena implicitamente o clero católico romano, dando a entender que não é mui comum, entre os sacerdotes, pregar a verdade e praticar a virtude.

*Vítor*, elevando o ministério sacerdotal, não censura os ministros que, com a palavra e o exemplo, seguem as pêgadas do que foi a incarnação da divina palavra; mas, sim, aqueles que têm o orgulho de se julgarem representantes de Deus entre os homens, só por vestirem um hábito que mancham com suas misérias.

22.<sup>a</sup>

AGOSTO DE 1873

“Irmãos; a oração dominical é a síntese e a chave

da doutrina pregada pelo que morreu na Cruz. É um símbolo — uma profissão de fé essencialmente cristã — um respeitoso tributo de gratidão e adoração ao Sér Supremo — a expressão do desejo mais ardente do coração humano: o desejo da eterna felicidade — a confissão da nossa inferioridade, de nossa debilidade, de nossas misérias, acompanhadas de uma humildade e esponsânea submissão á divina vontade.

É também, e mui particularmente, a fórmula mais pura e expressiva da lei da caridade, única do universo moral e uma doce imitação de Jesus Cristo.

*Maria.*”

Não queremos insistir sobre intervir ou não, nas comunicações, uma influência diabólica. A sublime moral que respiram as que deixamos transcritas, revelam claramente sua origem superior — e quanto pudéssemos falar em apoio da sua elevação e pureza, mais eloquientemente o dizem as próprias comunicações.

Atendam bem nossos leitores, e verão que o Espiritismo encaminha as crenças pelas verdadeiras correntes evangélicas.

23.<sup>a</sup>

AGOSTO DE 1873

I

“Meus filhos, esperai, esperai (1). A semente confiada á terra não se transforma em loura espiga sem

(1) O princípio desta comunicação, importantíssima pelo fundo e pela forma, responde aos nossos desejos de se propagar rapidamente o Cristianismo, em toda a sua pureza. Tais são a bondade e a exceléncia das doutrinas espíritas, que quiseramos vê-las já aceitas pelo mundo, parecendo-nos longo o tempo, que tarda a invadir todos os entendimentos e apoderar-se de todas as vontades.

sofrer os frios do inverno e os sinistros abalos da tempestade, nos primeiros dias do verão.

Tenho ouvido que as leis do universo moral guardam a mais perfeita harmonia com as que regem o universo sensível. A doutrina espírita que, em sua essência, é a santa semente do Evangelho, experimentou, e continua a experimentar, o frio do ridículo, com que acreditaram sepultá-la no mais obscuro esquecimento; mas, já se ouve o rugir da tempestade que se aproxima.

Enquanto o Espiritismo esteve oculto no fundo da consciência, como o grão de trigo nas entranhas da terra, julgou-se suficiente o ridículo para aniquilá-lo; entretanto, contra todas as previsões de seus inimigos, não sómente não caiu no olvido, nem ficou envergonhado, nas secretas dobras de uma ou outra consciência, mas também atreveu-se a sair á luz e a disputar o direito de legitimidade na herança de Jesus, pelo que todos os elementos opostos se amanhãm, e seus mais intransigentes inimigos se aparelham para investir contra êle e vencê-lo.

Quem será o vencedor nesse combate de morte? Quem, após a luta, fará tremular sua bandeira vitoriosa? Vós o sabeis, como eu; porque sabeis perfeitamente que os Anjos do Senhor não podem pleitear ao lado do egoísmo contra o amor, do orgulho contra a mansidão, da escravidão contra a emancipação, do comércio ou especulação religiosa, contra a piedade, do fanatismo contra a verdadeira fé, das trevas contra a luz, do êrro contra a verdade, da impostura que emana dos homens, contra a moral evangélica, que nasceu, desde a eternidade, nos Conselhos do Altíssimo.

Não vos admireis de que o sacerdócio se oponha, com furiosa tenacidade, contra a nova revelação de que dais testemunho, pois não é de admirar, que as mesmas causas produzam os mesmos efeitos. O farisaísmo, contemporâneo de Jesus, não quis reconhecer nem sancio-

nar a moral da divina doutrina, porque a verdade evangélica, que santificava a pureza, a humildade e a nobreza de coração, era a condenação a mais terminante de seu amor á carne, de sua soberba, e de seu apego ás riquezas e glórias exclusivamente mundanas.

O que menos podia o farisaísmo fazer, do que qualificar de louco, de impostor, e até de instrumento de Belzebú, ao que, de tal modo, lhe jogava á cara seus vícios, seus êrros e seus crimes?

Encarem o farisaísmo de hoje, do qual o sacerdócio forma a parte mais importante. A igreja oficial que, por isso mesmo que é oficial, não pôde ser a verdadeira, pois que o ministério do culto e o ensino da fé são atributos e deveres indeclináveis das almas — a igreja romana, que, desde o momento em que se designou *romana*, devia deixar de chamar-se católica e cristã — a igreja, repito, que por tantos séculos manteve o ceptro do mundo; que dominou as consciências, que marcou os limites dos mais formosos atributos da liberdade humana; que exerceu nas massas ignorantes uma influência decisiva, com o fogo do céu e as fogueiras da Terra; que enfrentou com todos os poderes e pôs por escabelo da sua arrogância todas as instituições; que tem amontoado, sofismando a alma do Evangelho, riquezas e comodidades; que levou seu espírito comercial até á pedra do altar e vendeu a salvação a peso de ouro; que prendeu a razão de todos os homens, subordinando-a á de um miserável mortal, por ela divinizado; que se julga e se intitula a única possuidora das verdades eternas, como se Deus, não podendo suportar, só, o peso dessas verdades, se tivesse achado na contingência de repartí-lo pelos representantes de uma seita: como essa igreja, como êsse sacerdócio há de consentir, sem lutar, e lutar desesperadamente, que triunfe o Espiritismo, o qual vem apagar os últimos vestígios das diferenças de classe, prêgando a igualdade natural, que

emancipa a consciência da superstição e a inteligência do absurdo; que revela o dever e as excelências da caridade e da oração, porém, de uma caridade sem limites egoísticos; que lança fóra do templo, com o látego da ciência, os que negociam e regateiam a salvação das almas; que atira de seu pedestal o Homem-Deus, para confundí-lo no pó comum das gerações perecedoras e fálfiveis; que tira a luzerna de sob o alqueire, para que todos vejam por seus próprios olhos; que faz toda a humanidade herdeira do céu, que cada seita adjudicava a si com exclusão das demais; que arranca ao Vaticano a chave misteriosa, sacrilegamente usurpada? Sim; sacrilegamente usurpada, porque Jesus estabeleceu sua doutrina e fez suas promessas, não sobre os homens e as instituições, mas sim sobre a fé em Deus e na prática da caridade, que é uma derivação daquela fé."

## II

"Qualificaram-vos de loucos. Bendita loucura a que consola pela esperança e purifica pelo cumprimento do dever sancionado pela ciência e pela razão. Outros chamaram-vos instrumentos de Satanaz — e vossos nomes atrairam algumas dessas abomináveis maldições que se pronunciam em nome de um Deus de paz; mas não vos assuste vêr que vos assinalaram como emissários do inferno, nem tremais ante as maldições impotentes, esperando a bênção de cima.

Dizei aos primeiros, aos que vos chamam loucos: o que vale vossa sensatez se vos agitais nas solidões espantosas do vácuo, enquanto viveis, e esperais desaparecer no horrível vácuo do nada, quando vosso corpo cair, para não mais se levantar?

Se a sensatez, se a cordura, estão na negação, no desespere e no nada, preferimos, á vossa cordura, a nossa loucura passiva e generosa.

E aos segundos, aos que vos indicam como instrumentos do diabo, redargui: se isto é do diabo, se do diabo procedem os virtuosos conselhos, as máximas salutares, as caridosas exortações, os evangélicos impulsos que todos os dias recebemos e admiramos, força é confessardes que o diabo trabalha por destruir o império do diabo. (Se Satanaz se levantar contra si mesmo, dividido está, e não poderá durar, antes está para acabar. São Marcos, III, 26); ou este personagem é de melhor condição que vós, pois que vem organizar e restabelecer o que vós, em tantos séculos, não tendes feito senão perturbar e distrair do seu curso natural.

Escolhei: no primeiro caso, contribuimos para destruir o poder do demônio, ajudando-o contra si mesmo — e para firmar o reino de Deus, fazendo assim um bem; no segundo, contribuimos com os que são melhores que vós, para a reforma moral de nossos irmãos — e Deus levará em conta nossos esforços e piedosos desejos, no trabalho da nossa regeneração.

E acrescentai: se o diabo fôsse o diabo, não vêdes, insensatos, que, para estender seus domínios, ele não tinha necessidade de recorrer a um novo sistema, menos eficaz que o que lhe oferecem as doutrinas da vossa igreja? Não sois vós os que prostituem a redenção, abrindo, de par em par, as portas dos tormentos infinitos e guardando os supremos gozos para um limitado número de mortos? Que mais poderia desejar o deus do mal?

O diabo existe, é certo; mas não o diabo, negação da onipotência, da misericórdia e da justiça de Deus. Existe; porém, não personificado em um sér imundo e abominável, destinado a fomentar perpetuamente o mal, a lutar vitoriosamente com a origem do bem, e a destruir quasi todos os efeitos permanentes, e sempre vivos, da redenção.

O diabo da seita romana, que não passa de uma

alegoria, literalmente interpretada, é uma afirmação atea; porque supõe em Deus, que é e não pôde deixar de ser o Pai e causa espontânea das criaturas, fraqueza e sentimentos, de que vos envergonharieis, embora não exerçais a paternidade senão pela carne e em virtude de superior delegação.

Os diabos são: o egoísmo, a impureza, o orgulho, a avareza, os ódios, as hipocrisias, as paixões e os sentimentos que revoluteiam dentro do círculo da liberdade humana.

Jesús livrava os endemoninhados; mas, supones acaso que arrancava aos corpos séres malignos, individualidades reais, que se tinham deles apossado? Assim o acreditou a ignorância dos meus contemporâneos — e Roma fomentou essa crença em proveito próprio, fazendo dela a mais poderosa de suas armas e o instrumento da sua larga denominação e do seu poder temporal.

Jesús curava os corpos enfermos pela eficácia da virtude que dele emanava, como de um fôco de regeneração e de vida. (E toda a gente procurava tocá-lo, porque saia dele a virtude — e os curava a todos. S. Lucas, VI, 19). E curava as úlceras da alma pela eficácia e santidade do seu olhar, que tocava o coração, e da divina palavra, que, como uma torrente de luz, fluia de seus amorosos lábios; e os surdos ouviam — e os cegos viam — e os mortos na vida da alma ressuscitavam.”

### III

“O homem é um sér débil, muito débil, em sua dupla natureza.

Seu corpo, formado de elementos e combinações puramente materiais, traz em si mesmo o germen de decomposição inerente á matéria; germen que se desen-

volve rapidamente no organismo humano, pela fôrça do princípio vital ,que por êle circula e que vem a ser, para a matéria, o agente e motor de suas transformações.

Sua alma, substância real, porém misteriosa e desconhecida para os que não vêem o pensamento de Deus, penetra o corpo e adere a êle por um laço semi-natural (Se há corpo animal, também o há espiritual. S. Paulo aos Coríntios, 1.<sup>a</sup>, XV, 44), ignorante de si mesmo, como em letargo, esquecida do seu passado, em trevas sobre seu presente e seu porvir, com faculdades embrionárias para o bem, como para o mal, e conservando impressas as marcas de suas faltas e fraquezas anteriores.

O que fará essa alma, desde que despertar do seu letargo e tomar posse do seu corpo?

De um lado, o organismo, os estímulos da carne, provocando necessidades, apetites e tendências sensuais e egoísticas — de outro, a alma com aspirações a elevar-se e a enobrecer-se, mas coibidas e neutralizadas pelos cegos impulsos do seu invólucro material e pelos rescaldos de êrros e extravios morais, cuja origem não poderia ser explicada sem recurso á preeexistência do Espírito.

De um lado, a carne imperiosa, dominante, lasciva — de outro, a alma, a princípio inconciente, débil, enferma, e com a porta aberta a todos os ventos da sedução.

O que fará? O que poderá fazer, senão sucumbir sem lutar, essa pobre alma, se tudo o que a rodeia e acompanha conspira para perturbá-la, debilitá-la e aniquilá-la?

O Onipotente, porém, de cujo amor nasceram e descenderam as almas, não havia de creá-las para condená-las ao mal (Eu as fiz e levá-las-ei. Eu as trarei e salvá-las-ei. Isaias, XLVI, 4); nem havia de consentir que fossem, inermes, entregues a uma luta em que fôsssem vencidas infalivelmente.

Ele quis que a vida do homem, sobre a Terra, fôsse

um combate, mas um combate glorioso, um combate de purificação, de reparação e de provas, de penas e humildade no sofrimento e de galardão na vitória.

Sua justiça viu a necessidade de um equilíbrio de forças, e esse equilíbrio, base da moralidade e responsabilidade das ações humanas, foi feito.

Como contrapeso e corretivo para os instintos e impulsos grosseiros da matéria, ele pôs na alma a semente dos sentimentos que purificam e enobrecem; em oposição às tendências para a sensualidade, deu os desejos constantes de puras e inefáveis sensações; ao lado dos rescaldos do mal — as intuições e os pressentimentos, acompanhados de um moderador severo e incorruptível.

E ainda não era de todo acabada a obra; faltava luz ao quadro. A vontade havia trabalhado ás escuras, porque a consciência continuava ainda em trevas e a liberdade não surgia.

Esta apareceu por último, com a luz da razão que, arrancando do caos a consciência, veio a ser o coroamento do sapientíssimo equilíbrio ordenado pela Suprema Justiça.

Não é lícito retocar este quadro, nem aditar-lhe o mais ligeiro detalhe, pois que a Divindade se reflete nele com seus mais formosos atributos, e o homem é uma obra que glorifica seu incompreensível Autor.

E, no entanto, o homem se atreveu a pôr nele sua mão sacrílega e ignorante!

Submeteu a fraca natureza da criatura racional a uma influência maléfica, decisiva; porque destruiu o divino equilíbrio, rodeou-a de legiões de Espíritos privilegiados para o mal, dotados de um poder quasi infinito, destinados a envolvê-la e a perdê-la para sempre.

Desgraçado destino, o da alma: sair do nada, aspirar, por um momento, a felicidade, que pressente sem conhecê-la, e sucumbir, para ser arrastada a eternos sofrimentos!

Para que uma única alma pudesse sair vencedora na luta com o diabo, dado a este o poder que se lhe atribuía, necessária seria a intervenção direta de Deus — e, nem Deus faz milagres, que seriam uma solução de continuidade na maravilhosa sucessão das leis, por Ele com infinita sabedoria estabelecidas, nem é admisível em sua justiça que, feito o milagre em benefício de algumas almas, não o fosse em benefício de todas.

Insistirei ainda sobre o mesmo ponto, porque é de importância decisiva e de transcendentalíssima influência, para estabelecer, sobre base sólida, a ordem de relações entre a criatura e o Creador.

A concepção de Satanaz é, no fundo, essencialmente atea. Estudai refletidamente a natureza desse tenebroso produto, tal como o apresentam e descrevem, e vereis, com toda a clareza, que é uma negação hipócrita de Deus em alguns dos seus essenciais atributos.

Nega, em primeiro lugar, sua justiça, com relação ao mesmo diabo, de quem não deixa de ser autor e pai — e, com relação aos homens, cujas débeis forças submete a uma força bárbara e a um poder irresistível. Nega, em segundo lugar, sua bondade, pelos seres predestinados a sofrerem e a produzirem eternamente o mal. Nega sua sabedoria, supondo na obra das criações, que deviam ser perfeitas, uma imperfeição absoluta e infinita. Nega sua onipotência, pondo por limites do poder soberano, que é o poder do bem, a ação triunfante do espírito do mal. E nega sua misericórdia, excluindo dela a todos os anjos decaídos e as vítimas desse poder irresistível e tenebroso.

#### IV

“Um erro arrasta, em geral, uma série de erros; pois, só por este modo se pode sustentar e perpetuar o primeiro.

O dogma errôneo do diabo suscitou o dogma, não menos errôneo, do inferno — a falsa doutrina da redenção da humanidade em Jesus Cristo — um dogma absurdo sobre o perdão dos pecados — e destes outros êrrros, não menos transcendentais.

O dogma do inferno — de uma região horrível de dôres, sem esperança, sem termo, síntese de todas as dôres, de todas as agoniás, de todas as angústias, de todos os suplícios que possam conceber o coração mais deshumano, a mais requintada crueldade, é, como o dogma do diabo, uma grande blasfêmia e a negação de Deus em sua bondade, em sua misericórdia, em sua justiça, em sua sabedoria, e, pôde-se acrescentar, em sua imensidão, pois que não se concebe a presença da divina substância na tenebrosa região do crime eterno e do desespéro sem fim. Ligai, se vos é possível, os que ameaçam com eternas torturas aos que esperam o justíssimo e supremo bem — ligai, repito, êsse dogma com as prescrições da moral evangélica que também invocais.

Não compreendeis, não vêdes, com toda a clareza, um contrassenso, uma flagrante contradição, um absurdo, em um Deus que prescreve, por seu Enviado, a caridade sem limites e o perdão das ofensas, e, ao mesmo tempo, dá o exemplo de um ódio eternamente vivo e de uma caridade mesquinha? Digo mesquinha, porque, com as dificuldades e tropeços que no caminho da salvação amontoou a igreja romana, seria mesquinho, para não dizer completamente nulo, o número dos eleitos do Senhor.

Jesus Cristo, que nunca abriu os lábios para pronunciar uma palavra inútil, porque era a incarnação da divina palavra e em tudo falou por superior delegação, nos últimos instantes da sua vida, e mesmo para resumir a moral dos seus ensinos, disse aos homens: amai-vos; e, elevando os seus sentimentos ao Pai, disse: perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.

Não vos bastam, homens, essas palavras de amor e de esperança, para vos persuadirdes de que a caridade é universal e de que o perdão a ninguém foi negado, antes foram nele incluídos os próprios que quiseram matar a doutrina de amor na pessoa de Jesus — os próprios que levantaram mão parricida contra Deus, na pessoa do seu Enviado?

Jesus Cristo, morto, baixou em Espírito aos infernos (Cristo, em Espírito, depois de morto, foi pregar aos Espíritos que estavam no cárcere. Ep. 1.<sup>a</sup> de S. Pedro, III, 19), isto é: ao mundo dos Espíritos, em suas diversas regiões de luz e de trevas, para dizer a uns: *vós, que merecestes a paz da justiça, os que por vossas obras merecestes transpôr a linha que separa a expiação e a reparação, da provação, mas que vos sentis sedentos de maior purificação; ide, descei á Terra, e apoderai-vos do meu testamento — sede os continuadores da minha obra e os mestres da doutrina redentora;* — e aos outros, aos que haviam morrido no remorso, aos enfermos, aos leprosos da alma, aos condenados por suas próprias obras: *ide, subi á Terra, e encontrareis nela, se procurardes, o rocio de vossas esperanças murchas, a piscina de vossa salvação, a inesgotável fonte de vossa redenção e infinito progresso.* E Abraão e Caim volveram á vida da carne. (Abraão é figura dos Espíritos bons — Caim é figura dos rebeldes).

Se o dogma da eternidade de sofrimentos se firmasse no sentido de uma eternidade relativa, que é o sentido em que Jesus o entendeu, a justiça de Deus teria nele resplandecido — e nele a igreja tê-lo-ia glorificado. A ação da justiça divina não pôde ser concebida senão exercitando-se e aplicando-se dentro de uma proporção e correspondência absolutas, entre o castigo e a malícia da falta, e, como nenhuma das faltas humanas procede de malícia por sua natureza e origem infinita, nem suas consequências são eternamente per-

manentes, tão pouco pôde, por isso, em reta justiça, continuar eternamente o castigo. Continuará, sim, enquanto persistir a malícia e o Espírito se obstinar no mal, em termos tais que, se a obstinação fôsse eterna, eterna seria irrevogavelmente a expiação.

Esta é a eternidade relativa de que eu vos falava; assim a entendia Jesus.

## V

“Resolvido pela morte o problema do destino das almas, de maneira definitiva, sem esperanças, necessário se fazia, já que ficava para sempre cerrada aos Espíritos a porta do arrependimento e da reparação, levar um consolo aos homens, que, doutro modo, teriam fatalmente caido no desespere; e este consolo foi-se buscar na falsa explicação da redenção por Jesus Cristo, falsa, como falso era o motivo que a fizera necessária, impossibilitando o homem de purificar-se e rehabilitar-se aos olhos de Deus, por meio da reparação das faltas e males cometidos e ocasionados na vida. Não tendo, tão pouco, méritos próprios, que viessem de certo modo servir de fogo purificador, de batismo das almas, ficava, entre êle e Deus um vácuo desconsolador, o abismo da condenação, impossível de transpôr, e soterrou-se aquele vácuo, e supriu-se aquele abismo, substituindo a reparação pelo arrependimento — e a purificação e os méritos próprios, pelo sublime sacrifício e méritos pessais de Jesus.

Dentro dêste ensino, dentro desta redenção, cabe a idéia absurda de que pôde um homem ser causa ocasional da condenação de milhares, e que, reparando tão graves e incalculáveis males, pôde apresentar-se justificado á suprema Justiça.

Nem isto é bom e justo, nem a redenção, tal como Roma a explica, é concebível.

Adão não é uma personalidade; é o tipo de uma raça humana que, havendo conseguido, pelos sempre sábios desígnios da Providência, habitar mundos superiores ao vosso, pecou por orgulho e por egoísmo, abusando, em proveito próprio, da natural benevolência dos que a haviam recebido como raça irmã.

Chamado a juizo, foi condenado á expiação e á reparação; justíssima sentença, que veiu a cumprir-se na Terra, alguns mil anos antes da época fixada no primeiro livro de Moisés.

Adão, no paraíso, simboliza aquela raça habitando esferas superiores — e simbolisa-a em sua expiação na Terra, depois do pecado original.

Necessário era, para entrar de novo no paraíso, de que havia sido expulsa, na terra de Canaan, donde seus pecados a tinham obrigado a sair, passar primeiro pelo deserto da expiação, que purifica, e da reparação, que justifica.

E por que meios havia de expiar e reparar seus pecados e os males causados? Trabalhando e regando a terra com o suor do seu rosto, isto é: lapidando sua inteligência, com as grosseirias de uma matéria, de uma carne mais impuras — e levando aos homens, que antes dela habitavam o planeta, luzes de aperfeiçoamento, até então ignoradas.

Que não vos suscitem dúvidas estas revelações, pois, se vos são dadas, é porque são necessárias, em razão de se aproximarem os tempos em que vai surgir a nova geração.

Apesar da raça simbolizada em Adão ter sofrido, em sua imigração á Terra, uma grande perturbação moral que ocasionou o esquecimento do seu passado, não foi ela tão absoluta, que não deixasse nas almas alguns vestígios da perdida felicidade e certa esperança, á maneira de pressentimento, de que seriam remidas e nova-

mente elevadas, pressentimento êste concebido nas claridades do mundo espiritual.

Com os condenados da raça adâmica, vieram também Espíritos de missão, com o divino encargo de arraigar e fortalecer aquela esperança, e, assim, apoderando-se dela a humanidade, considerou-a como uma promessa de origem celestial, que passou e se robusteceu através dos séculos e das gerações.

E na realidade existia a promessa da redenção, pois promessas divinas são as esperanças e os desejos inatos da felicidade espiritual. Como esta felicidade é inacessível ás almas impuras, por sua impureza condenadas, tinha de brotar, e brotou, no coração do homem, a esperança da sua redenção, princípio mais ou menos remoto da sua felicidade vindoura.

Mas, a redenção prometida á humanidade extra-viada, não é a redenção explicada pelos sacerdotes e doutores do cristianismo romano, conforme acima foi indicado, porque esta não cabe na justiça de Deus.

Jesús Cristo não podia, nem quis assumir, nem assumiu todas as responsabilidades individuais, contraídas e por contrair, emanadas dos pecados dos homens — e muito menos podia, pelo sacrifício da sua vida, remir a humanidade da pena do desterro a que fôra condenada.

O princípio da redenção perde-se no misterioso princípio das humanidades, pois que a redenção começa com o desejo de ser remido — e houve êsse desejo, desde que houve Espíritos que sofriam e aspiravam chegar ao termo de seus sofrimentos. Começa com o desejo de ser remido, porque êsse desejo conduz primeiro ao arrependimento e, em seguida, ao amor e á prática do bem, que são o princípio e o termo da verdadeira redenção.

A redenção da humanidade não se firma, pois, nos méritos e sacrifícios de Jesus, e sim nas boas obras dos homens.

O que Jesus Cristo fez, enviado pela misericórdia do Pai, foi apressar a redenção do gênero humano, derramando sobre o mundo e sobre seus êrros a luz da doutrina única redentora."

## VI

"Isto assentado, é fácil e lógico deduzir: que nem Roma nem ninguém possue o divino privilégio de perdoar os pecados — e que êste perdão é o efeito natural da redenção.

A chave do paraíso, o Supremo Jardineiro nem mesmo confiou aos Espíritos mais chegados a Ele por sua pureza — quanto mais aos homens ou ás instituições humanas, tão pecadoras e falíveis. (Porque Deus é veraz e todo o homem falaz. S. Paulo aos Romanos, III, 4).

Os Espíritos puros e os homens de missão têm a seu cargo guiar a humanidade para o caminho que conduz ás ditosas moradas, quando dele se perdem; mas suas portas só o Onipotente pôde abrí-las. Ao que por suas obras fica remido, Deus perdoa, porque Ele é o centro de todas as harmonias.

Não o explica assim Roma, nem era possível que assim o explicasse, desde que admite a existência do diabo e de uma mansão de eternos sofrimentos, como sorte fatalmente definitiva das almas condenadas.

Não podia arrancar aos homens, mesmo os mais pecadores, a suprema esperança de se rehabilitarem aos divinos olhos; em primeiro lugar, porque seria contradizer claramente o Evangelho — e também porque nenhuma sociedade aceitaria uma religião que, como o Saturno dos pagãos, devorasse seus próprios filhos. E, como aquela esperança se desvanecia para o pecador no destino definitivo da sua alma, houve necessidade de fazê-lo compreender que alí, aonde não pudesse chegar

sua expiação e os seus méritos pessoais, chegariam, por obra do arrependimento, a expiação e os méritos de Jesus. Que cegueira! Quanta aberração! Supõr e afirmar que os sofrimentos e a morte do Justo foram ordenados do Alto, em expiação dos pecados de todos, é a mais orgulhosa das blasfêmias contra a justiça do Eterno.

Deus não só fez tudo bem, como fez tudo o melhor, e é uma verdade evidente que, fazer recair sobre quem não delinquiu a expiação de faltas por outros cometidas, assim como levar em conta os méritos espirituais de um para a salvação de outro, não é o melhor, nem mesmo o bom, tanto na divina como na humana justiça. Esta exige, quanto fôr possível, a reparação do mal feito e a consequente expiação — e é o melhor que tem a justiça dos homens.

E havia de falhar, de maneira completa e absoluta, a justiça de Deus?

Jesus Cristo transmitiu aos seus Apóstolos e discípulos e, com estes, a quantos acudissem a sustentar e propagar o Evangelho, a faculdade de perdoar os pecados; esta faculdade, porém, vinculou-a aos continuadores da sua santíssima missão, nos mesmos termos com que a tinha recebido do Pai. (Como o Pai me enviou, assim vos envio eu também. S. João, XXII, 21).

O orgulho e a ignorância desnaturaram, entretanto, o legado transmitido por Jesus — e os homens atribuiram a si próprios uma virtude que continuava inalterável no fundo da verdade evangélica.

*O que desligares, não por tua virtude e poder, mas sim pelo poder e virtude da doutrina sobre a qual foi edificada a minha igreja, que é a igreja de Deus — o que assim desligares e perdoares na Terra, também nos céus será desligado e perdoados.*

Não equivale isto a dizer: Em meu testamento, que vos lego, para que o façais cumprir, para que o expli-

queis e torneis claro ao meu pobre povo, que é a humana inteira, sem exceção de um só homem — acharais o Jordão das almas — a fonte da sua redenção e do perdão dos seus pecados; todos os que atraírdes para mim, que sou, em representação d'Aquele que me enviou, o caminho, a verdade e a vida; todos os que atraírdes, com vossos conselhos e prédicas á prática sincera da minha doutrina, ficarão remidos e perdoados, sendo vós os instrumentos do perdão?

Sim, filhos e irmãos meus; não sobre os homens e sobre as instituições humanas, porém sim sobre a divina palavra e a prática da caridade, estabeleceu Jesus seu sacerdócio e suas promessas.”

## VII

*Hora est jam nos de sonno surgere.* Já é tempo da humanidade reconhecer-se — já é tempo de, obediente ás inspirações que baixam das esferas etéreas, acompanhando sua própria e espontânea atividade, sair de sua obsecção, da escravidão de seus êrros, para empreender e seguir, com passo firme, sem vacilações e sem prevaricações, o caminho que conduz á terra prometida; — já é tempo de abrir-se a verdade nas inteligências e de rimarem nos corações a caridade e a humildade; — já é tempo da semente, plantada nas consciências pelo Filho do homem, produzir fruto abundantíssimo de vida — e de todas as seitas religiosas, depurando-se de tudo o que é obra e mandamento do homem, e conservando o que é permanente e eterno, convergirem, unirem-se e identificarem-se em Deus e no Evangelho, para constituirem a Igreja universal — o verdadeiro catolicismo cristão.

Vós, os que por fanatismo, por ignorância ou por orgulho, vos julgais ministros, sacerdotes e representantes de Deus, e depositários de suas verdades e poder,

só porque outros homens vos têm posto suas mãos, talvez impuras e manchadas, e pronunciando, sobre a vossa cabeça, uma fórmula vã e ineficaz, vinde — vinde aqui, irmãos meus, filhos meus, vinde, pois que todos cabeis na misericórdia do Pai; vinde e dizei-me: O que sois? Quem sois? Haveis penetrado, com vista imparcial e investigadora, em vossos corações, nas recônditas dobras da vossa consciência, nos segredos da vossa alma? Haveis medido a extensão dos vossos desejos? Haveis sondado vossas fraquezas e misérias, e buscado, livres de amor próprio, o verdadeiro nível de vossas virtudes? Haveis olhado e estudado bem? Haveis, sequer, pensado em estudar-vos? Em uma palavra, conhecí-vos?

Pois, se não vos conhecíeis, parai aí, concentrai-vos, filhos meus, e pedi a Deus que vos abra os olhos, para que possais ver-vos com cuidado e sem orgulho, porque tendes de ser chamados a um juízo de amor, em virtude do qual se vos abre o caminho da vossa reparação e o meio de poderdes comparecer limpos a outro juízo — ao juízo em que cada um colhe o fruto de suas obras.

Estudai-vos, repito, e dizei-me: Ao encontrar-vos frente a frente com vossos irmãos, os outros homens, a quem levianamente condenais, e com vossa consciência, que vos recorda o que sois, vos haveis, porventura, julgado superiores e dignos de ser seus mestres e os ministros d'Aquele que a todos vê e a todos julga?

Tendes podido duvidar de que, perante Deus, ninguém é mais do que suas obras o fazem merecedor?

Vinde e dizei-me: A fé que quereis impôr aos demais, prescrevendo e condenando o principal atributo das almas, tende-a vós? E os que, d'entre vós, a têm, como a adquiriram?

Foi por sua iniciativa, por suas virtudes, por seus estudos e esforços, por haverem encarado a luz, ou por haverem cerrado os olhos para não vê-la?

Vinde, e dizei-me: Ao consagrardes-vos ao sacerdócio,

haveis consultado os interesses espirituais da humanidade ou os vossos interesses temporais? Aceitaste-o como um sacrifício ou como um modo de viver e prosperar?

Tendes professado a pobreza que nasce do amor, e a dogura que nasce da humildade, ou, pelo contrário, tendes sido ambiciosos e iracundos?

Vinde, e dizei-me: Tendes dado e ensinado a dar a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar, ou vos haveis prostrado aos pés de Cesar, em desdouro da magestade de Deus, e invocado o nome de Deus para combater a Cesar?

Nas contendidas, nas guerras contra vossos irmãos, tendes corrido a contê-las e a fazê-las menos sanguinolentas com vossa missão apostólica, ou tende-as soprado e ensanguentado, abusando da influência que haveis exercido e ainda exerceis, em razão do vosso ministério?

Tendes querido, como Jesus, imperar sobre as almas pela caridade, ou dominar na Terra pela ignorância?

Vinde, e dizei-me: Depois de tantos séculos em que haveis governado as consciências, explicado a moral e dirigido as sociedades, em que estado haveis deixado as sociedades, os costumes e as consciências? Ah! o vosso procedimento não é o fruto do Evangelho.

Reconheci-vos, filhos meus; compadecei-vos de vós mesmos, como eu me compadeço, e como amanhã se compadecerá a humanidade. Amai-vos mais em Deus e menos na carne — ainda estais em tempo.

Tendes errado; quem não erra? Tendes cometido faltas; quem terá o direito de vos atirar a primeira pedra?

Levantai a bandeira que Jesus desfraldou — e, deixando de ser sacerdotes pelo hábito, sede-o pela caridade e pela прégação.

Não duvideis de que é Maria quem vos fala, a mulher ditosa que trouxe em seu ventre o celestial En-

viado, o Fundador da religião divina, que julgais professar, mas que não professais como devieis.

Não despreveis esta revelação, nem a condeneis sem meditar. Estudai-a sem ódio, sem paixão, sem prevenções de escolas e sem o egoísmo do sectário — e, se depois dêsses proveitoso estudo, para o qual, vos peço, invocai fervorosamente o auxílio de Deus, vos sentirdes dispostos a confessar que êste documento, reflexo fiel da verdade evangélica, não pôde ser obra de um gênio maléfico, de um Espírito mentiroso, confessai-o, irmãos meus, filhos meus, e aceitai a defendei a nova revelação.

Que importa que esta revelação venha derrubar e pulverizar um colosso de dezenove séculos, se, ao mesmo tempo, levanta do pó da ignorância, do êrro e do egoísmo, toda a humanidade?

Não rechasseis o Espiritismo — não intenteis combatê-lo com o diabo, que se evapora em vossas mãos, ao calor da nova luz, e desaparece, para ocupar seu verdadeiro lugar, entre as recordações mitológicas.

Se vos obstinardes em vossos êrros e se vos encastelardes em vossa orgulhosa infalibilidade, nem por isso lograreis impedir e deter, por um momento, o que está irrevogavelmente decretado. Sereis arrastados pela idéia, e sucumbireis miseravelmente, levando convosco, em vossa quēda, a compaixão de uns, o desprezo de outros, o ódio de muitos, e a severa responsabilidade de vossos atos.

*Maria.*"

"Amai-vos uns aos outros e glorificai a Deus.

*Maria.*"

Deixamos ao bom critério dos nossos leitores os comentários a que se presta a comunicação de *Maria*.

O que poderíamos acrescentar, que não fôsse pálido

e descorado ao lado da fluidez do estilo e da profun-  
deza dos conceitos, que se ostentam, nas preciosas li-  
nhas inspiradas pela Mãe do Redentor?

Bendizemos mil vezes a Providência, por haver-nos concedido, sem merecê-lo, uma joia de preço inestimável, e um escudo, em que se embotarão as setas envenenadas dos inimigos e detratores do cristianismo espí-  
rita, ou, falando com mais propriedade, do Cristianismo de Jesus!

24.<sup>a</sup>

AGOSTO DE 1873

"Meus amigos. Não me chamastes pela palavra;  
mas fizeste-o pelo desejo e, por isso, volvo a vós.

O bom desejo é como a estréla luminosa que acom-  
panha as almas dos viventes e serve de guia aos espí-  
ritos que dormem o sono da justiça.

Contais com os dias da justiça e das amarguras —  
e não vos enganais. Vão erguer-se contra vós, de um lado, as exagerações atéas com seus sarcasmos, e, de ou-  
tro, as exagerações religiosas com suas furibundas maldições. Nem umas, porém, e nem outras vos hão de  
fazer vacilar ou retroceder um passo, por que a vitória  
será para as doutrinas que professais e que se propa-  
gam em todas as direções com assombrosa atividade.  
Vossos sofrimentos serão exclusivamente morais, pois  
que, felizmente, já passaram, para vós, os tempos em  
que era preciso a autorização eclesiástica para se esta-  
belecer a verdade.

Estais ou não persuadidos da bondade e justiça dos  
costumes, dos princípios que brotam da Nova revelação?

Pois se assim é, deixai todo o temor pueril, impró-  
prio de ânimos resolutos.

Que o mundo veja vossa fé e inquebrantável reso-